

PROBLEMAS DE ANÁLISE MÓRFICA

Paulo Mosânio Teixeira Duarte

A Lingüística moderna muito deve a Ferdinand de Saussure por ter sido ele o sistematizador de uma série de fecundas doutrinas que têm servido de inspiração a correntes genericamente chamadas de estruturalistas como a Escola de Copenhague e o Círculo de Praga. Ninguém duvida de que suas dicotomias, langue/parole, sincronia/diacronia, significante/significado têm trazido bastante ordem ao que antes dele era confuso e até caótico. Ao ter considerado como relevantes no sistema lingüístico as noções de valor e oposição, o mestre genebrino já desponta como um pioneiro do Estruturalismo. Suas concepções levaram-no a crer na independência da abordagem sincrônica e inclusive fizeram-no ver a lingüística sincrônica como disciplina legitimamente lingüística, se bem que à página 126 do *Cours* afirme: "Le système n'est jamais que momentané; il varie d'une position à l'autre". E reforça, à página 193: "En pratique, un état de langue n'est pas un point, mais un espace de temps plus ou moins long..."

O certo é que prolifera um sem-número de estudos de base sincrônica. O método descritivo anda muito em voga e ninguém lhe pode subtrair os méritos e os resultados satisfatórios, pelo menos respeitando as limitações inerentes a ele, que não oferece senão uma visão reduzida do objeto. Allás, a redução é própria de qualquer método. Este se situa num contexto maior que é o momento histórico no qual está imerso. Espelha conseqüentemente a visão peculiar a cada época, em que fervilham idéias catalisadoras de atenções e defesas exaltadas. Daí, uma ou mesmo mais de uma face do objeto em enfoque permanecer velada ou incompleta, aguardando o momento propício de surgir para que o intelecto

humano consiga dar-lhe algum vislumbre. Acontece, porém, que a realidade não é tão fácil de ser subjugada. Às vezes, é difícil compreender uma peça solitária do quebra-cabeças da realidade e parece desalentador freqüentemente juntar as inúmeras peças do jogo maior no sentido de entender como elas se encaixam.

Abordar sincronicamente a língua constitui prioridade de nossos tempos. Há quem se queixe do declínio da perspectiva diacrônica, tão grande é o entusiasmo pelo caráter funcional do sistema lingüístico, pelas relações que os elementos do mesmo guardam entre si, pelos jogos de oposição e contraste permitidos entre eles.

Contudo, os elementos costumam manifestar não apenas solidariedade horizontal, mas também solidariedade vertical. Ao longo do eixo das sucessividades, os nexos podem rarefazer-se a ponto de fazer as peças mudarem seu valor. É sabido, por exemplo, que *comedere* deu origem ao nosso verbo *comer*. O verbo latino esvaziou em parte seu significado original e, de *comer em companhia de*, passou a significar *comer apenas*. Embora o prefixo *com* persista como resultado histórico, é imperativo no momento atual que seja interpretado como radical, a fim de que não destoe de outros elementos que, com ele, configuram relações paradigmáticas como *vend-*, *sab-*, e *quer-*, retiradas a vogal temática — *e* e a desinência — *r*. Às vezes, há correspondência formal entre os elementos: as mudanças fonéticas não desfiguram a relação histórica entre os componentes mórficos. É o caso de *enfermo* (< infirmu, não firme). Ocorrem, vez ou outra, alterações maiores, mas persiste a correspondência formal como em *vinagre* (< vina acre), alterada em *fidalgo* (< filho de algo), com forte aglutinação. Em palavras como *relógio*, (< *horologio*) a relação é nítida parcialmente. Em qualquer caso, apesar de os étimos serem compostos, as formas atuais tendem a ser encaradas como simples dentro de uma perspectiva sincrônica. O divórcio, entretanto, é sempre tão radical?

Os fatos nem sempre acontecem com tamanha singularidade. Eventos sincrônicos parecem sugerir regularidade dificilmente compreensível com os poucos recursos da língua em sua fase atual. Tais eventos, constataremos, são reflexos de eventos precedentes e revelam, ainda que precariamente, a motivação que havia entre estes. Dizemos precariamente, porque houve evoluções semânticas que não se potenteiam na atualidade. Em outras palavras, há certas coincidências

de forma, que se explicam pela regularidade das transformações fonéticas que mantiveram as correspondências formais entre duas palavras no paradigma, de modo que, *mutatis mutandis*, uma sincronia “reproduz” uma sincronia distante. A simetria daí resultante é perfeita tanto sintagmática como paradigmaticamente. O problema é que os elementos mecanicamente obtidos na comutação resultam marginais, porque eles (geralmente morfemas nucleares) não gozam de funcionalidade nem se compatibilizam com a noção de morfema como formas mínimas significativas na língua em sua fase atual.

Outras vezes, a forma subsiste autonomamente mas com mudança de significado em relação aos significados que ela parece ter junto a elementos prefixiais. Isto é outro sério problema e não vimos tal assunto devidamente tratado. Não vimos sequer menção.

Os problemas parecem muito genéricos, bastante abstratos. Para que se tenha uma visão mais pormenorizada, estudaremos o assunto por etapa. Não temos pretensão de sermos exaustivos. Queremos sobretudo salientar as limitações de uma análise mórfica de base sincrônica ortodoxa. A fragilidade de alguns pontos é notável. Será que mesmo num método de redução, podemos abstrair a noção de tempo? O passado não exigirá algum espaço no presente? Vamos por etapa, pois não é mera questão de afirmar ou negar. É mister expor, problematizar, justificar.

As Bases Virtuais de Trnka

Considerem-se os seguintes grupos de palavras:

percipere — concipere — recipere — Latim
perceber — conceber — receber — Português
percevoir — conserver — recevoir — Francês
percibir — concebir — recibir — Espanhol

É notória certa equivalência estrutural em todas elas, quer tomemos o eixo horizontal ou vertical. Igualmente digno de registrar é a ação que as leis fonéticas exercem sobre a fonte latina de tal modo que se pode constatar o que chamamos correspondência formal nas formas-filhas: a correspondência registrada neste exemplário, pode ser verificada na vertical. A nível horizontal, tal correspondência também se dá: tomando os exemplos em português, damos-nos com um elemento comum à série, *-ce(er)*, que não atua como forma livre no vernáculo.

O Professor Horácio de Freitas não dá seu aval a segmentações deste tipo, porque se restringe ao estritamente sincrônico. Para ele, semelhante tipo de abordagem só é permitível historicamente, quando acompanháramos o percurso evolutivo das palavras: por um processo de apofonia existente no Latim, ao adicionarmos os prefixos *per-*, *con* e *re-* ao primitivo *capere*, o radical *cap-* sofre alteração vocálica e se torna *cip-*, forma que origina o vernáculo *ceb-* com deslocamento da tonicidade para a vogal *-e*. E por diversas vezes reitera a inadaquação de tal procedimento de depreensão formal. Apela para o princípio da funcionalidade e faz menção à consciência lingüística do sujeito falante, aspecto para o qual, inclusive, reserva um capítulo no seu livro *Princípios de Morfologia*. Como teremos ocasião de ver, o método horaciano peca por alguns aspectos teóricos e pela séria limitação no que concerne à aplicação.

Primeiramente a comutação é um método relativamente eficaz na segmentação de formas. É um método sincrônico, que pode, entretanto, levar-nos a observar certa motivação em uma série vocabular, o que se dá no conjunto dos verbos *-ceber*. Tal forma não funciona livremente, é claro, como o *ler* de *reler* e o *ver* de *prever*. Porém, não é salutar esquivar-se à regularidade da série. Podemos em nome de uma fundamentação negar funcionalidade e até produtividade à série, que é diacronicamente fossilizada. Não podemos, todavia, subtrair-nos à evidência da comutação e isto nos leva a afirmar que, embora não tenham um significado particularmente detectável, os elementos denunciam precariamente sinais de composição. Dizemos precariamente, uma vez que a base virtual *-ceb(er)* não tem possibilidade de ser nitidamente avaliada no terreno semântico.

O assunto é polêmico. Lingüistas como Eugene Nida, Francisco Adrados e Henri Frei admitem este tipo de análise. Percebendo que formas em *-ceber* ocorrem em algumas palavras, anuem ser digno de menção o fato, não obstante jamais funcionarem isoladas. Não nos parece oportuno, no entanto, afirmar que aquela forma tem alguma relação com o verbo *caber*. Afirmar isto seria enveredar-se totalmente pela diacronia. Quer dizer: a sincronia seria inteiramente subsidiária, encarada como resultante.

No seu *Metodologia de Análise Gramatical*, Ursula Wiesemann e Rinaldo de Matos parecem corroborar o ponto de vista dos três já citados lingüistas no que diz respeito a

considerar como unidades segmentáveis o *per-*, o *con-* e o *re-* ligados à base virtual *-ce(er)-*, embora tecendo outras considerações. Vê-se então que o assunto não é pacífico. Pessoalmente, cremos não ser possível fugir à evidência de que não há uma forma simples na série por nós já estudada. Nem sempre é fácil avaliar criteriosamente a semânticidade dos elementos lingüísticos tão simples como é fazê-lo em *feliz/ (In) feliz, ler/ (re) ler* e em outros. Como explicar a relação entre *impossível* em “era um garoto impossível” com o elemento *possível*? e *universidade* quando se refere ao lugar? e o sufixo *-ção* em “vou tomar a condução” e a “construção é grande”?

Voltando ao grupo em questão, tomemos a série portuguesa e construamos derivados:

- (a) perceber — conceber — receber
- (b) percepção — concepção — recepção
- (c) perceptivo — * conceptivo — receptivo
- (d) * perceptor — * conceptor — receptor

É espantosa a regularidade que preside ao comportamento das séries. Alguns elementos podem ser adicionados como realizações concretas, no uso, apenas a uma outra série. Na coluna encimada por *perceber*, teríamos *perceptível*, na encimada por *conceber*, *concepcional*, *conceptual* e na encimada por *receber*, *recepcionar* e *receptível*. Poderíamos, contudo, criar com dados do corpus — criação por analogia, uma das fontes da riqueza vocabular. Resultaria:

- (a) perceber — receber — conceber
- (b) percepção — concepção — recepção
- (c) perceptivo — conceptivo — receptivo
- (d) perceptor — conceptor — receptor
- (e) perceptível — * conceptível — receptível
- (f) * percepcionar — recepcionar — * concepcionar
- (g) * percepcional — * recepcional — concepcional
- (h) perceptual — * receptual — conceptual

Na linha (b) e (f) há as formas atuais *decepção* e *decepcionar*, donde podemos inferir teoricamente *deceber* em (a) e proceder a formações análogas em cada linha. O inglês e o francês atualizam os verbos, respectivamente *deceive* e *decevoir*. As correspondências com as formas portuguesas seriam

mais uma vez notáveis. Só que decepção significa frustração e naquelas línguas, os correspondentes *décéption* e *deception* (francês e inglês respectivamente) significam engano.

Na linha (e), há *susceptível* apenas como forma atualizada de onde se infere o teórico * *susceber*. É notável que tanto * *deceber* como * *susceber* remontam ao latim *decipere* e *suscipere*, naturalmente numa visão diacrônica, apenas dentro de uma polaridade inversa: das formas teóricas, volvemos aos étimos, sabendo como se processou a evolução histórica das formas atuais *perceber*, *conceber* e *receber*.

Poderíamos multiplicar os exemplos. Em alguns deles, seria inútil negar uma motivação ao menos parcial. É o caso dos constantes abaixo:

- (a) evadir — invadir
evasão — invasão
- (b) emergir — imergir — submergir
emersão — imersão — submersão
emersível — imersível — submersível

Entretanto, pelo que pudemos depreender nos “Princípios de Morfologia, no Capítulo III, intitulado “O Sintagma”, o Professor Horácio de Freitas ofereceria relutância em admitir tais formas como compostas. No caso dos verbos, ele diria que considerar *-vad-* e *-merg-* como bases, mesmo sendo bases virtuais, teria procedimento que iria de encontro à consciência lingüística dos sujeitos falantes. À semelhança do que ocorre com as bases em *-ceb(er)-*, as séries concernentes aos verbos em *-vad(ir)* e *merg(ir)*, apresentam notáveis regularidades. Por outro lado, os prefixos *-e-*, *-in-* e *-sub-* são semanticamente motivados: dizem parcialmente do total significativo das palavras nas quais tomam parte. Associamo-las com outras palavras, que são formadas pelos mesmos prefixos: efluir, inseminar. Eles mantêm os mesmos significados. A própria situação prática encarrega-se de fortalecer-lhes o sentido. Claro que, auxiliado pela analogia, pois as unidades lingüísticas são solidárias e a relação mental que as formas estabelecem é um dos modos de estabelecer coesão no sistema.

E por falar em motivação parcial, julgamos imprescindível exemplificar com as séries abaixo:

- (a) traduzir — conduzir — reduzir — produzir — induzir
- (b) tradução — condução — redução — produção — indução
- (c) tradutor — condutor — redutor — produtor — indutor

Em (a) comparece a série verbal e, em (b) e (c) as séries nominais. Mesmo sem necessidade da diacronia, não podemos deixar de registrar a simetria, de modo que a tese do Professor Horácio de Freitas, que se envereda por interpretar *-duz(ir)* como segmento sincronicamente irrelevante, não é tão simples de ser acolhida. Nós particularmente cremos que *tra* (= além de) e *re* (= movimento para trás) diz algo do que o todo em que se inserem quer comunicar. *Traduzir* é transpor de certo modo e *reduzir* se contrapõe a fazer crescer, ampliar, como sugere o prefixo. No caso de *deduzir*, que não consta no exemplário, o prefixo *de* (= movimento de cima para baixo) oferece uma aproximação significativa: partir do geral para o específico. Com algum esforço, perceber-se-á que o elemento prefixal *-pro-* de *produzir*, que comunicar movimento para frente, transmite o conteúdo parcial da palavra a nível metafórico. O sufixo *ção* constitui sufixos acional como em *retrair/retração*, *contrair / contração*, *protrair / protração*, *distrair / distração*, que configuram exemplos análogos. O sufixo agentivo *-tor*, presente em *ator*, *bissetor* não é tão problemático. O problema está em responder: que contorno semântico assumiria *-duz-* e sem alomorfe *-du-*? que sentido teria o elemento prefixal *con-* em *conduzir*?

O problema do valor semântico nos constituintes mórficos, conforme já dissemos, configura-se inelutável em diversas ocasiões, mesmo quando julgamos plenamente satisfatória nossa descrição sincrônica. Eis alguns exemplos que nos ocorrem:

- (a) fluir, efluir, influir
- (b) firmar, afirmar, confirmar
- (c) formar, conformar
- (d) destruir, construir, obstruir, instruir
- (e) distar, constar

No cômputo geral, o “parentesco” entre eles é o eminentemente alicerçado por relações que podemos estabelecer, formando derivados. As regras ou arcabouços de suas for-

mações nos fornecem subsídios ou pistas para descobrirmos que, não obstante, um vago fundo semântico comum, eles são morficamente motivados. A guisa de exemplos, tomemos a série (a), (d) e (e) com alguns derivados

- (a) fluir, — efluir, — influir, — confluir
fluente, — efluente, influente, — confluyente
fluência — efluência — influência — confluência
fluxo — efluxo — influxo — confluxo
- (d) destruir — construir — obstruir — instruir
destrutor — construtor — obstrutor — instrutor
destrutivo — construtivo — obstrutivo — instrutivo
- (e) distar — constar
distante — constante

A uma detida análise, concluímos que não podemos, uma vez mais, fugir não apenas à suspeita, mas também à evidência da associação formal entre estas palavras. Entretanto, haveríamos de esclarecer alguns pontos.

Não saberíamos dizer logo o que significa *in-* na coluna de influir, instruir, embora no primeiro caso, haja a base livre *-flu(ir)*. Pensamos que houve uma interferência metafórica, o que R. Jakobson chama relação de similaridade: se influímos alguém, “fluímos para dentro” de sua consciência, e se instruímos alguém, “pomos algo em montes” em sua inteligência. No segundo caso, a plenitude interpretativa só é assegurada diacronicamente, quando nos damos conta de que a forma *-stru(ir)* — se prende historicamente a *struere*: empilhar, amontoar. Mais concreta é *construir* originalmente *empilhar conjuntamente e obstruir (pôr o monte em frente como obstáculo)*. Em tais casos, a diacronia parece mais viabilizável no apanhado destas configurações. Poderíamos, talvez, mostrar, deste modo, como *insignare* resultou *ensinar*: é que a primeira, basicamente, significa *pôr um sinal dentro*.

Sincronicamente, temos de nos contentar em dizer que *influir* é diferente de *fluir*, que *in*, *con* ou *de* se reúnem à base virtual * *struir* e resultando significados distintos. É nisto que se resumiria a morfema daqueles elementos prefixais, para que não se incorra na psicologia ou na filosofia. De qualquer modo, só nos parece certo que na maioria dos casos em que comparecem bases inoterolizáveis, *-stru(ir)-*, *ceb(er)*, *-duz(ir)-*, etc., deparamo-nos com formas sujeitas a um fundo histórico comum. Não funcionam livremente, é óbvio, mas refletem,

projetam no instantâneo sincrônico o que se passou na história. E a língua é passado que deixa nela marcas indeléveis. E dentro dela há, devido à sua natureza dinâmica, o esboço do futuro. Daí seu caráter dialético, pois ela é objeto histórico.

Os indivíduos que coexistem com as mudanças apresentam, intuem o fluxo na sua língua, quando a ela se referem metalingüísticamente. Inclusive chegam a tomar consciência disto, ainda que, no manuseio da mesma, possam agregar o mais recente ao antigo indiscriminadamente.

A diacronia sobrevive residualmente e mesmo formalmente em dada sincronia. As leis fonéticas não mexem substancialmente, em alguns casos, no que poderíamos chamar de correspondência biunívoca entre elementos ao longo do eixo das sucessões. Afora isto, elementos mais ou menos intactos podem sobreviver, graças à ação de forças conservadoras que os mantêm relativamente incólumes ante o desgaste a que se acham sujeitos outros elementos "naturalmente" postos ao sabor da correnteza, das mudanças. A ação das elites, por exemplo, é responsável pela existência dos termos eruditos (ao menos em parte). Há que mencionar os semi-eruditos, submetidos parcialmente à inexorabilidade das leis vigentes nas mudanças. Porém, o falante comum não se dá conta disto.

Realmente: o máximo de percuciência no âmbito de um "estado" lingüístico captaria as relações entre sujeito / subjectivo / subjectual, preceito / preceptor / preceptual, de onde decorreriam as alomorfias a nível de radical e até a nível de elemento prefixal. No primeiro caso, teríamos (Je-Je-Jei) e (cep-cei), sem que nos preocupemos com as vocalizações do (K) e do (p). No segundo caso, daríamos como exemplo (sub-su), sem nos referirmos a detalhes referentes à queda do b. Quanto ao timbre fechado da vogal /e/ em -Jei- e -cei-, poderíamos falar na harmonização por contigüidade: a influência da semivogal sobre a vogal precedente.

Problemas concernentes à erudição deste ou daquele elemento remeter-nos-iam ao enfoque diacrônico. Ver-nos-famos obrigados a falar em vínculos mais estreitos com os étimos. Dizer que *subjectual* e *preceptual* são termos eruditos nos forçaria a justificar por meio do étimo *subjectus* e *preceptus*, respectivamente.

Cumpramos reforçar que a comutação é um método de relativa validade. Comutamos doente / doença, porque temos

crente / crença, de onde inferimos o verbo *doer* do mesmo modo que temos segurança de que o segundo par se prende ao verbo *crer*. Segurança relativa, pois *doente* não é o que dói e nem *doença* é o estado do que dói. Houve alteração semântica do verbo para com seus derivados nominais.

A motivação é muito importante em análise mórfica. Apesar de não sabermos o que os núcleos significariam com exatidão, não poderíamos negar sugestividade em pares do tipo docente / docência, carente / carência, discente / discência em virtude de presidente / presidência, a que se liga o verbo presidir. Não sabemos, contudo, o que é *doe- car- disc-* com toda a certeza. Em Latim *ens, entis* marca participio presente. Temos, temens, tementis; coaerens, cohaerentes, relacionados com os verbos temere e cohaerere, respectivamente. Somos induzidos a imaginar um teórico * *frequere*, pois temos frequens, frequentis.

A analogia pode às vezes não se confirmar no plano diacrônico e este, a nosso ver, constitui um fato constrangedor: estaríamos nos guiando por miragens e tal não seria científico, dada ruptura tão radical com a história. Assim, *falaz* não se prende historicamente a *falar*, mas ao latim *fallere* e ao adjetivo *falso*. *Trair* nada tem a ver com *retrair*, *contrair* e *distrair*. O primeiro é ligado a *tradire* e os elementos da série prenderuse a *trahere*. Os componentes da série retromencionada se ligam ao teórico * *trair*, que, atualizado, seria forma homonímica de *trair*. Historicamente, seria forma convergente assim expressa:

tradire — traír
trahere —

Deparar-mos-íamos com os pares:

traír — retraír — contraír — distraír
iração — retração — contração — distração

Equivaleria à série de *ter* e derivados, em que há notável correspondência entre a forma simples e as compostas quanto ao paradigma flexional. Ressalte-se, contudo, que só compreenderemos as formações *ter* mais prexios *re* ou *de*, se tivermos em mente a filiação ao *tenere* latino, que significava basicamente *segurar*. De seu supino tentum provém tentáculo. A evolução assim se processou: tenere teer teer ter.

III) Outros elementos residuais

Lançando mão da técnica comutativa, damo-nos com elementos pouco produtivos que não apenas morfemas nucleares. Isto se dá com prefixos e com sufixos.

No primeiro elenco, figuraria *se-* que comparece em *segregar*, que se opõe a *agregar*, *congregar* e surge em *seduzir* como também no verbo *separar*, comutável com *preparar* e *comparar*. Que dizer a respeito de *am* da palavra *amplexo* que se opõe a *complexo* e a *perplexo*. Perguntar-nos-íamos: é o *am* de *amputar*, opositível a *computar* e a *disputar*? Este *am* é, historicamente, uma forma abreviada de *ambi*, prefixo que significa *em volta de*. Como ilustração, vejamos as séries de base virtual — prend(e) — *reprender* / *compreender* / *deprender* / *surprender*.

Há um estranho componente prefixal *sur-* uma vez que a palavra *surprender* veio do francês *surprendre*.

Comparando-se ato / ação, suspeito / suspeição pode-se *deprender* o elemento *-to*, que em última análise se prende ao supino latino. Igualmente, conceito / conceição, contrato (adj.) / contração. Opondo-se *permanecer* / permanente, *deprende-se -ec(er)*, que esvaziou sua incoratividade, como em *obedecer*, oponível a *obediente*.

No caso de *permanecer* / permanente, detectando-se *-ec(er)* e *-ente*, do mesmo modo que operando com *carecer* / carente, continuaríamos a análise comutativa e poderíamos ter *permanente* / imanente. Resultaria a forma — radical irre-dutível *-man-*.

E o problema da consciência do sujeito — falante? Porém, indagamos: de que sujeito falante estamos a falar? Os repositórios lingüísticos nos cérebros dos sujeitos falantes, em virtude da heterogeneidade de uma série de fatores, memória, experiências, leituras são diversos. E deste modo a lingüística estaria fadada a perder-se em subjetividades. Toda ciência requer conhecimento, ainda que relativo de seus domínios e, respeitando os usuários da língua, certo tipo de análise, mesmo sincrônica, deve exigir sua especialidade e seus especializados.

BIBLIOGRAFIA

1. CAMARA JR., Joaquim Mattoso — *Estrutura da Língua Portuguesa*, 12.^a ed., Petrópolis, Editora Vozes, 1982.

2. COSERIU, Eugênio — **Sincronia, Diacronia e História**, São Paulo, Presença, 1979.
3. FREITAS Horácio Rolim de — **Princípios de Morfologia**, 2.^a ed., São Paulo, Presença, 1981.
4. SAUSSURE, Ferdinand — **Cours de Linguistique Générale**, 5.^a ed., Paris, Payot, 1955.
5. WIESEMANN, Úrsula e MATTOS, Rinaldo de — **Metodologia de Análise Gramatical**, Petrópolis, Editora Vozes, 1980.